



ESPECIAL

# mallarmargens



Casa Artes Visuais

# Relevo

PARANÁ | AGOSTO DE 2013 | EDIÇÃO XV | ANO III

JORNAL  
RelevO + mallarmargens

## EDITORIAL

Um ano, um ciclo, uma volta completa. Todos os dados que se lançam nesta versão impressa do tabuleiro de “mallarmargens – revista de poesia e arte contemporânea” caem com a mesma face para cima, o número um. O motivo? Festa, literalmente.

Idealizada em meio a diálogos sobre a diversidade da produção poética hoje, a revista celebra seu primeiro aniversário em maio – e o presente está (entre outras surpresas) no material que você tem em mãos, fruto de uma aposta em conjunto entre mallarcolaboradores e o Jornal RelevO.

O objetivo dessa aposta é familiar a quem acompanha o conteúdo virtual de Mallarmargens. Desde sua fundação, o periódico se caracteriza como um ponto de encontro

das vozes da poesia contemporânea nacional e internacional. A ideia é oferecer as condições de formação de um ambiente no qual os participantes possam estabelecer pontes, trocar influências mútuas e ganhar visibilidade. Atualmente com 112 mallarmargos (autores fixos) e 255 mallarmigos (autores, periódicos e espaços culturais), o veículo dispõe de atualizações diárias e valoriza igualmente a estreia e a experiência.

É no contexto de tal proposta que se insere a presente edição. Para além de uma arena de polifonia poética, mallarmargens se consagra ao longo destas 40 páginas como uma via de transversalidade de duas mídias tradicionais em comunicação, o site e o jornal. Se lá o intuito é garantir que a navegação ocorra de forma alea-

tória, interativa e dinâmica, como convém a um lance de dados, aqui a finalidade é convidar você, leitor ou leitora, para conferir de perto algumas das publicações que marcaram significativamente este primeiro período.

Vale destacar que não se trata de expor o “melhor de mallarmargens”. Uma tarefa dessa natureza sequer seria exequível, visto que a adoção de critérios, posicionamentos e pontos de vista difere de pessoa para pessoa quando se fala em juízo estético. O desafio é outro: organizar uma amostra de autores que representem a preocupação da revista quanto à abertura de espaços poéticos ao mesmo tempo qualitativos e plurais.

Uma boa leitura a todos!

### Expediente

**Fundado em Setembro de 2010**

**Edição:** Daniel Zanella

**Projeto gráfico:** Casa Artes Visuais

*Gilberto Marques*

*Slauia Marques*

*Heberth Alves*

**Impressão:** Gráfica Helvética

**Tiragem:** 2000

**Edição finalizada em:** 25 de agosto

### Contato

mallarmargens.com

twitter.com/jornalrelevo

Facebook: Jornal Relevo

[jornalrelevo@gmail.com](mailto:jornalrelevo@gmail.com)

Edições anteriores:

[issuu.com/jornalrelevo](http://issuu.com/jornalrelevo)

*mallarmargens poemas vol.1, nº 7, 2012*

**SANDRIO CÂNDIDO**

## contemplação do crepúsculo

os crepúsculos enfiam os dedos na minha garganta.

então canto,  
entro pelo ventre úmido das árvores,  
subo nos galhos secos:  
estou em busca do último pássaro.

semeio raios de sol nos canteiros sujos do mundo,  
minhas mãos ceifam gotas de orvalho,  
rios me circundam,  
cachoeiras explodem em meu peito:  
tenho uma foz antiga

é imensa a combustão das vozes:  
meus lábios se inclinam dentro da prece.  
absorvo o silêncio das grutas:  
um lírio branco iluminando o vazio.

olho a tristeza da rosas caminhando entre os lábios da aurora:  
deve haver alguma luz nos escombros do amanhã.

quero a graça!  
as pequenas coisas envolvendo o meu cansaço,  
enquanto descalço a linguagem.

as romãs maduras trazem uma vela acesa na polpa.

arquétipos transfigurados,  
meus poços secos anseiam a chuva.

sou uma igreja velando o horizonte:  
minhas paredes murmuram canções arcaicas,  
cacos umedecidos, mãos trituradas, incenso,  
o perfume das velas.

tudo aponta para um jardim possível.

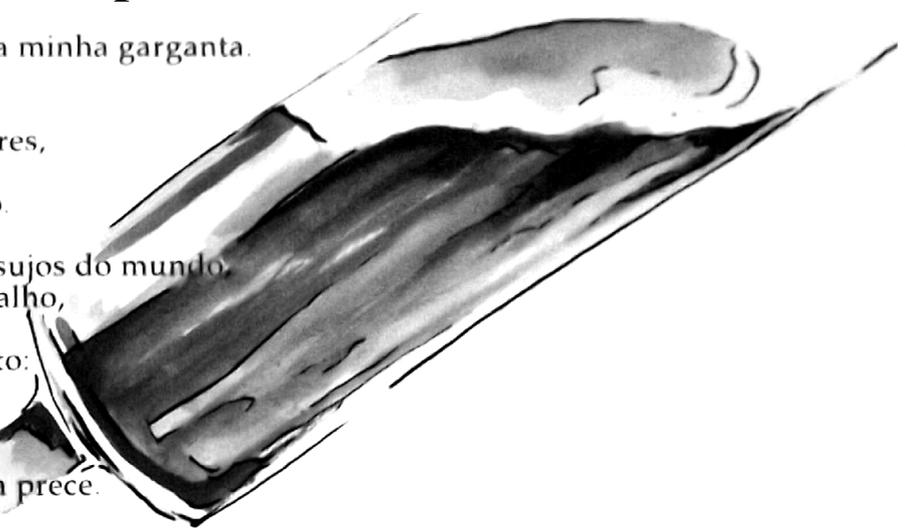
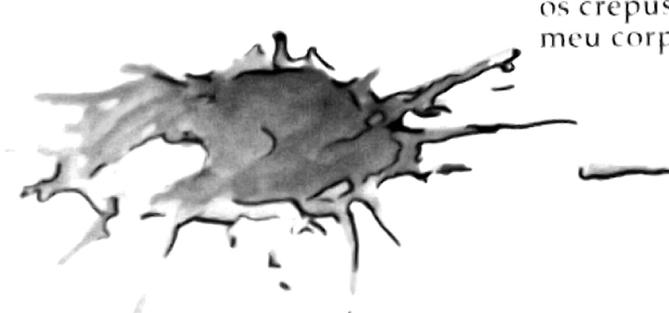
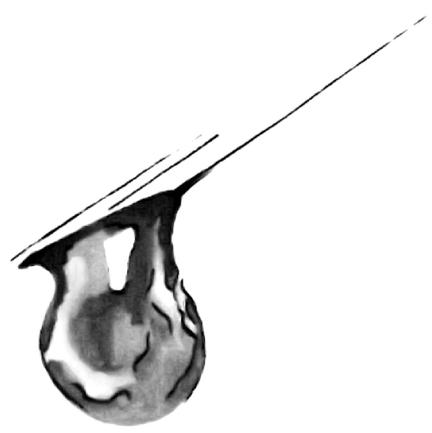
esgotado o sentido do tempo,  
rezo ao crepúsculo.

quero os braços levitando no abraço,  
os lábios unguindo o instante,  
as facas podando a árvore da vida,  
os templos sumindo dentro do mistério.

minhas paisagens bombardeadas cantam baixo na lágrima,  
doem.

sou uma mesa esperando que cheguem os peregrinos.

os crepúsculos atam rios dentro de mim  
meu corpo arde no encontro.



*mallarmargens poemas, vol.1, nº 2, 2012*

## LUÍS COSTA

1

estendidos nas fissuras da noite animal  
dois corpos abertos  
- coroa da ejaculação secreta

e as bocas ardem estranhas  
com vasos de flores negras  
dentro

2

crianças perseguem  
a bússola da vertigem  
trazem um turbo quebrado  
nas pétalas dos dedos

de repente  
um grito ecoa na madeira das aves

ferramentas amontoadas  
um sol  
sem cavilhas

nas clarabóias  
os anjos  
crepitam

3

homens aninhados sobre altas estacas  
com grandes flores na boca

à volta  
a turbina dos insectos

e o anjo

o anjo  
dos cabelos despenteados

metódico

## DELÍRICOS

4

mergulham a cabeça na incisão dos espelhos  
do outro lado as máscaras rodam  
ao centro o varal estático dos cereais

nos gestos a geometria  
arde

5

rente aos alicerces do tempo  
abrem os punhos  
e pela noite que deles emana  
ouvem o martelar das fontes secretas  
no peito do homem

onde a sede dos demónios se apruma

6

ouvem a memória  
dentro dos tanques  
no perímetro da luz  
onde as mulheres cantam pelas furnas  
que rompem dos abismos

flashes negros  
inquinam o pensamento

*mallarmagens poemas vol.1, nº 11, 2013*

**LEONARDO MORAIS**

**MOUSSE DE NAPALM**

Ao sabor dos caninos desabrochando em flor a santa cordilheira  
de *los angeles* baliza a manobra elíptica azeitada de gládios calcinados

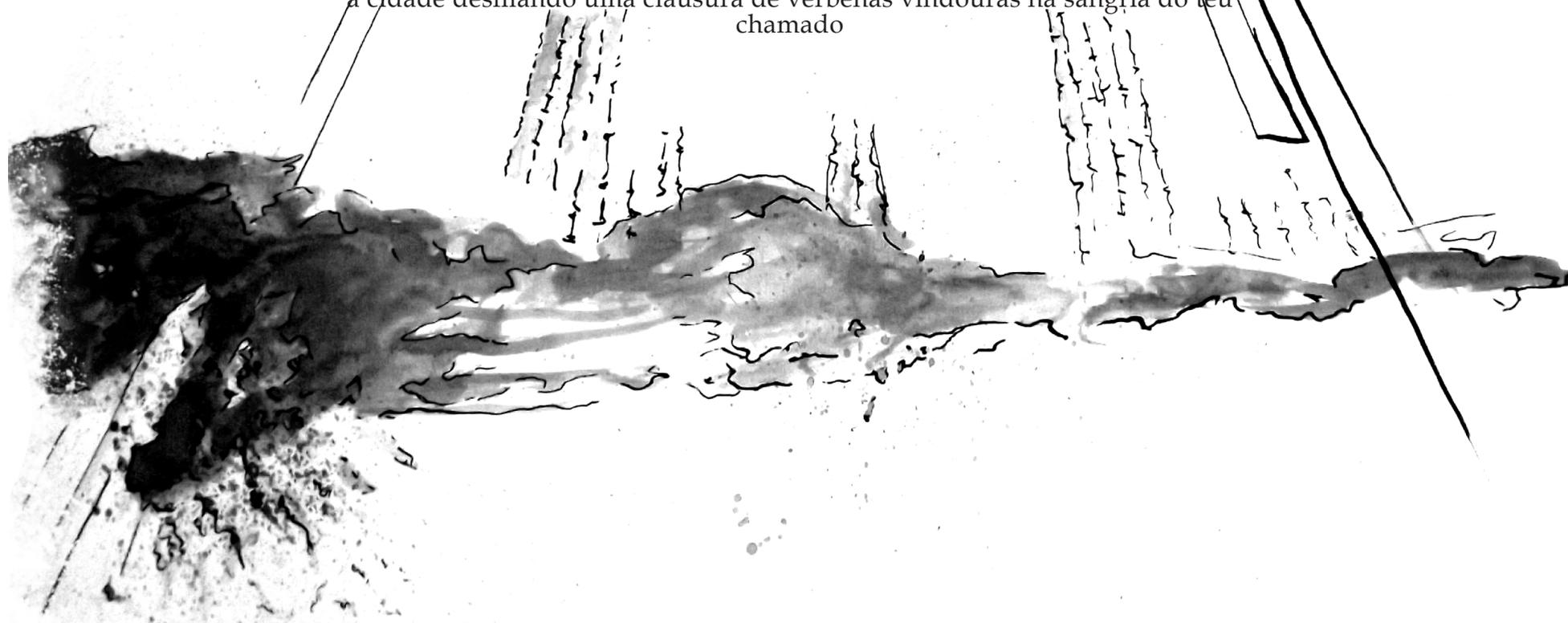
O outono refulge em estáticas vertigens & decapita alardes  
enquanto me delicio no silêncio estrangulado à sombra farpada das  
esquinas

Nava rebola & me lança uma piscadela cega beijo na fronte eco  
sapateando no labirinto onde dez mil bifurcações incendeiam os bigodes de  
lacaio

A maquinaria encurralada não arrefece mas tece loas a N. S<sup>a</sup> da  
pós-modernidade vomitando carpideiras a servir rocamboles de asfalto &  
chá com buzinas

Alvorço da tarde que arde & urge & não vai a lugar algum cadela  
acorrentada no cio sonhando dentes cravados na carne de nuvens  
em concussão

Comunhão do vento e do lodo a fuga logo mais ao longo do dorso  
a cidade desfilando uma clausura de verbenas vindouras na sangria do teu  
chamado



*mallarmagens poemas vol. 1, nº 12, 2013*

## JOÃO FOTI

Talvez sonhar-te – nossa religião.  
beijar-te a face, talvez anoitecer  
com minha palma vulcânica – morrer.

um lado oculto – seio teu  
que traça à golpes de princípio  
um tigre na lua eclíptica:  
voz canora sem fala – do beijo.

tens algemas de música, Pandora,  
teus pequenos pulsos, fogos úmidos,  
são córregos prometidos.  
de teu ventre abarcas o espaço  
– incenso, tua infinita lâmina,  
onde repartes ao nada pinturas,  
espaçonaves, alforjes...  
curioso retrato – és toda.

caístes em lágrimas-de-sorriso  
e no Nilo de tua boca sobrevivo:  
alvo puro, em branco – camaleão.  
sobre um vôo de flamingos  
o orvalho desdobras, a cera e a esfinge,  
rubis do sono da língua – somos família.

sempre, profusa e alheia  
beleza de tua tinta  
– desperdiças nosso trigo.



*mallarmagens poemas vol. 1, nº 7, 2012*

## JOSÉ ANTÔNIO CAVALCANTI

### Helena Destróier

A Vênus do *telemarketing*  
sai apressada da sala no sexto  
andar  
de leveza e vulgaridade  
acesa.

Sem medo,  
largo a longa fila de emprego,  
perco de vista a entrevista  
e me atrevo um Páris.

O coração sai em disparada.  
A perco de vista  
entre a sala 610 e a escada.  
O ascensor me escapa.  
(Bem que li no horóscopo  
que esse dia não daria em nada).

Desálio os deuses e a idade,  
recórdista de velocidade  
mas chego tarde à Ítaca.

Vejò a Vênus de crachá  
girar a roleta do adeus.

A Vênus de tênis e fones  
some no meio da multidão,  
essá maldita invenção de Baudelaire.

Eu, Heitor hilário e exausto,  
acabo arrastado por um carro  
no centro do estacionamento  
Aquiles Park.

Um transeunte afirmou convicto:  
o morto parecia drogado.



*mallarmagens poemas vol.1, nº 7, 2012*

JOANA ESPAIN

## PROPORÇÕES ÓBVIAS ENTRE O MÍSTICO E O LOUCO

se a regra é a de proporcionalidade então essa é a verdade, o místico é proporcional ao óbvio e o óbvio ao louco, o que não é proporcional não existe.

uma linha vertical desenhada a meio do olho, em frente o olhar óbvio, subindo e descendo a linha, o místico e o louco, incapacitando o caminhar.

o louco corre para dentro, o místico corre para fora, deixando assim o óbvio calmamente no início.

uma nova teoria despede-se da velha com um aperto de mão e seguem em sentidos contrários. o louco e o místico despedem-se com as mãos do mesmo corpo e seguem em cruz.

o místico escreveu uma longa carta ao louco a explicar-lhe que não está sozinho, o louco respondeu, com um pequeno poema, a explicar ao místico que não está acompanhado.

o óbvio pode ter medo. as coisas óbvias podem ter medo e disfarçar para não nos assustarem. os planetas podem ter medo. e se a realidade tem medo de nós – os átomos são mais loucos e místicos que óbvios.

o louco dança com arcos de óbvios à cintura. o erro dança com arcos de loucos à cintura. o óbvio dança com arcos de erros à cintura. a música que ouvem é a mesma. não é mística, nem louca, nem óbria.

o místico e o louco acreditam que é óbvio acreditar. o óbvio acredita que é místico e louco acreditar. Acreditam.

o louco segue a dança das peças, o místico os quadrados pretos e brancos do tabuleiro, o óbvio as regras. ninguém ganhou ainda.

a lágrima do louco é abandonada à saída, a do místico é lançada para cima e a do óbvio é disparada em frente. as lágrimas demoram o mesmo tempo a chegar ao chão.

o místico não utiliza ferramentas, por falta de curiosidade, o louco não distingue as ferramentas da curiosidade, o óbvio utiliza como ferramenta a curiosidade, que repete até à exaustão do material.

o louco tem asas, o místico tem asas, o óbvio pode voar.

*mallarmagens poemas vol.1, n° 8, 2012*

**CARINA CARVALHO**

## **do corpo mudo nas plataformas**

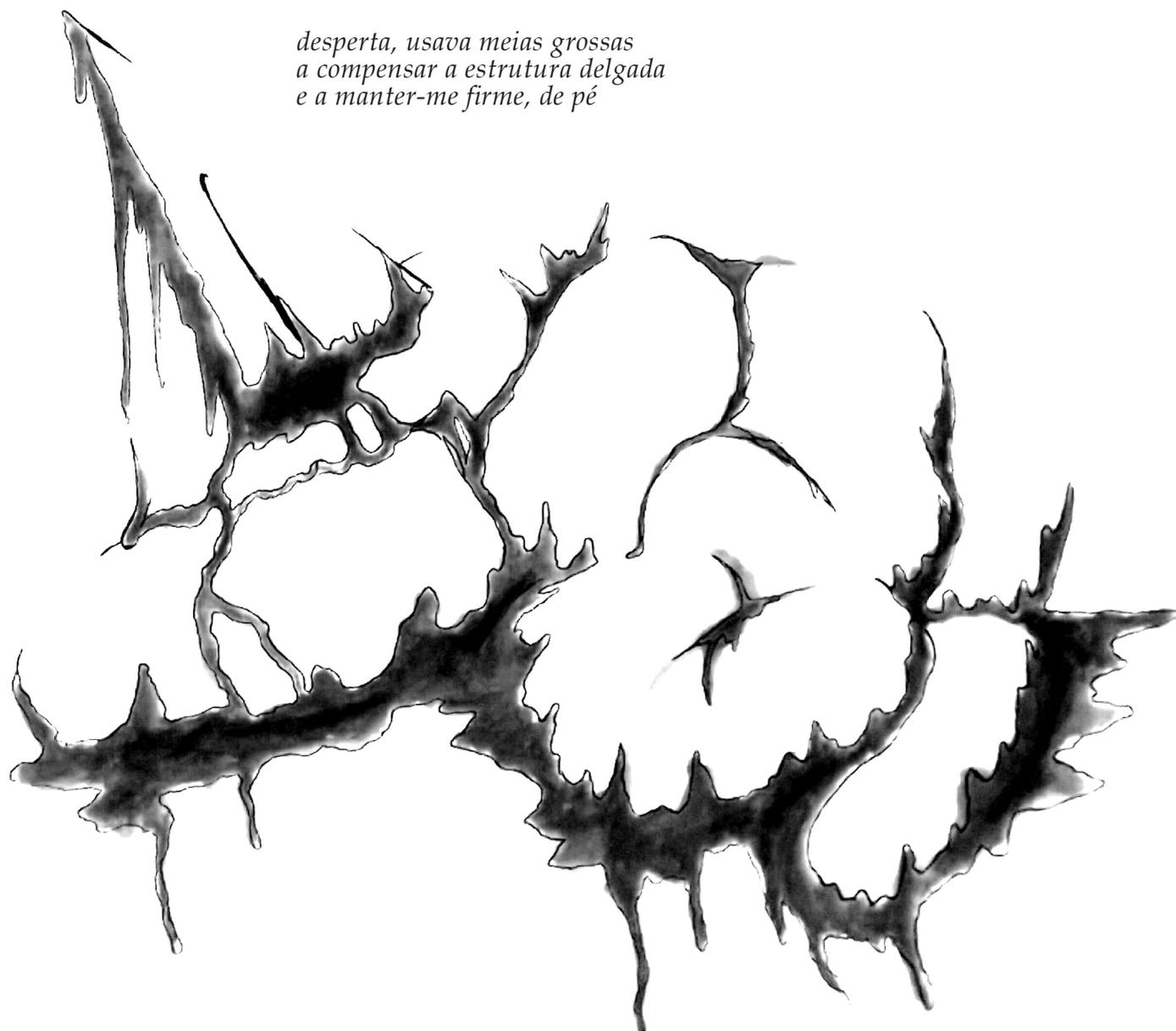
*capaz de despertar os gigantes desejos  
que dormitam à sombra da nuca  
cada estralo das tuas juntas*

disse assim, a princípio: as mãos bastam para o acesso ao nunca  
mas, que tal? meus pés resultaram vermelhos da travessia flamejante

(quando, em outro espaço, havia vitórias-régias flutuantes  
para o sustento de olhos aguados)

pudera, trazia eu lanças de peso incrível  
da própria entranha arrancadas  
e dispostas meticulosamente  
para empalar tua fé

*desperta, usava meias grossas  
a compensar a estrutura delgada  
e a manter-me firme, de pé*



*mallarmargens poemas vol. 1, nº 10, 2013*

## ADRIANO SCANDOLARA

### POEMA PINGADO

Na rodoviária do Hades  
uma alma encosta ao balcão  
e pede um pingado.

Cigarro inaceso à mão,  
o tédio no terno impecável, frigidez  
cruzando as pernas, o pé  
equilibrando o salto.

Sombra de um café  
servido frio igual  
memória de outros tantos cafés  
brejos de leite  
teta vegetal pó descafeinado  
os mesmos augúrios de sempre  
nas borras.

Os dias que correram  
em comerciais onde todos vivem alucinadamente  
o permanente domingo dos séculos  
tuas horas crepusculares à espera do momento  
postergado

Como um elevador, música suave  
conversa amena,  
despencando no meio do caminho.

Menos uma colherada na mesura dos dias  
há meia hora já você mexe esse café.

Garganta e olhos domados à base da catarse  
do inexistente, os gritos  
todos guardados  
de uma só vez violariam  
agora o silêncio do lugar

não fosse esse silêncio inviolável.

Mais ônibus chegam e partem  
o pingado desce a goela, a máquina não para  
os ponteiros do relógio  
apontam à eternidade.



*mallarmargens poemas vol. 1, nº 3, 2012*

**ANDRÉIA CARVALHO**

Criatura hábito de anêmona, uniforme de archote.  
Trespasso contigo o corpo dinâmico das embarcações.

Com dentes de telescópio, mastigo tua labareda: sonda.  
Radar: a face pulverizada nas águas.

Desenha-me como um monge sassafrás no periélio dos templos,  
trabalhando o óleo da pirâmide:  
o holocausto líquido que assombra tua testa,  
afogueada na crosta da terra.

Nada posso contra tua imolação na pedra fria do meu reino.  
Persisto em oração de guilhotinas no pé marcial das tuas marés.

Teus tentáculos chicoteiam as organelas e os meteoros respondem  
na cela das cristaleiras.

Meu manto amarelo dissolve como o leão no abraço de um sigilo.

É tua a maquinaria acesa em minha indústria de fantoches,  
armazém de peixes e cordeiros.

Hoje, sou teu demiurgo no marinho fátuo de um papel leopardo.

Morcelâmpada,  
fulgurita,  
no folhetim de teus raios  
que fui buscar  
debaixo de sete palmos  
no coração  
hieróglifo do beato  
entre nós.

**Animula vagula**

## CLAUDIO DANIEL



## SERPENTINATA

Já que não desprezo nenhuma palavra,  
encanta-me pergaminho  
onde estranhos cães  
da fala.

Nuvens de parietais  
dizem a lavoura  
obsessiva dos cutelos

excessiva porque necessária,  
investe mamífero mamífero  
ante o lacerado pêlo púbico

molusco esse desprezo  
que se faz habitação

A mobilidade das estruturas aquáticas  
desorienta solidez de partículas,  
(numeração da língua)  
desentranhadas até o

ignorado.

Cresce nas axilas,  
nos limbos, cremalherias,  
nos estudos para voz  
é o seu inexorável destino.

Antiesquelética nebulosa  
redefine o tempo e suas cavilações  
no jogo permutatório  
dos contrários.

(Estes são os meus instrumentos,  
minhas paisagens estratégicas  
para violar tuas orelhas,  
tuas cavidades,

que se recusam à minuciosa  
cabala de meu olhar )

(Encanta-me tua letra, esqueleto de meu canto,  
voz que acende estranhos cães )

A revelação está na língua  
que incita ao asbesto da orgia,  
à mais temporária das peles,

quando vemos pégasos de outro sonho  
e nossa incapacidade de laçá-los

**EDUARDO LACERDA**  
*mallarmargens poemas vol.1, nº 6, 2012*

*Um pouco a dormir, um pouco a cochilar;  
outro pouco deitado de mãos cruzadas,  
para dormir.  
(Provérbios 24:33)*

*"Ficamos deitados de costas, olhando para  
o forro e refletindo sobre o que Deus deve-  
ria estar pensando quando fez a vida ser  
tão triste assim?" (Jack Kerouac)*

**MÁRIO BORTOLOTTO**  
*mallarmargens poemas vol. 1, nº 9, 2012*

Eu conheço a mulher que chega em casa de madrugada. Eu a vejo subindo as escadas ou tomando café na padaria com a maquiagem ainda borrada. Ela lê muito, frequenta cinemas de arte e ouve música em volume muito alto enquanto dança sozinha pela sala. Foi o que ouvi falar. Eu gostaria de dizer que ela anda lendo os livros errados e assistindo aos filmes errados. Mas eu correria o risco de ser mal interpretado e isso talvez soasse como um conselho, e ela não me parece do tipo que ouve conselhos. E ela não fala com estranhos. Só com psicólogos. Eu conheço a mulher altiva e bem sucedida, sempre entusiasmada na presença de espectadores. Consumista sem culpa. Chique disfarçando a afetação. Gostaria de dizer que seu look não é exatamente original, mas correria o risco de ser mal interpretado e eu não sou exatamente o cara mais indicado pra dar conselhos sobre acessórios femininos. Mas é que acho que eu já vi mulheres como ela em mais lugares do que poderia lembrar. E eu nem sou do tipo que frequenta a Oscar Freire ou o Fashion Mall. Ando por aí com uma angústia indisfarçável, que a mulher que eu conheço não vai dar essa colher. Meu amigo Losnak chama esse negócio de "um urso correndo no sótão". Eu chamo de buraco no peito. Um buraco de 12, que eu não consigo encher com toda a cerveja do mundo. Não concebo a ideia da mulher ideal e me restabeleço prontamente depois de cada golpe. Ela tem um jeito pouco ortodoxo de se fazer notar. Acho que ficou tempo demais esperando por isso. E agora não tá conseguindo prestar atenção. Eu poderia chamar de "descaso", mas surpreendentemente vou chamar de "distração". Uma cortina de fumaça em nossa relação. Eu amplio meu menu de expectativas e continuo por aqui conectado em sua órbita. Mas não tenho muito tempo. Por isso fecho as janelas no outono, pesco um western spaguetti e uma cerveja enquanto ela eletrifica a Rua Augusta. Me reconcilio de bom grado com minha solidão. Brindo com cerveja meus sentimentos mais egoistinhas. Ela simplifica o desejo na medida em que exerce sua sedução descompromissada. Seu denodo de conquistadora. Há homens que não foram feitos para terem suas bolas esmagadas em ratoeiras. Nossas ambiências noturnas não tem sido as mesmas. Por isso, o tal encontro previsível na padaria de manhã. Por isso, eu termino o croissant e pago minha conta e sempre vou embora sem olhar pra trás. Pro meu isolamento agradável e acolhedor. Eu conheço essa mulher. Então porque diabos tive o impulso intempestivo de abraçá-la na padaria nessa manhã chuvosa? E porque diabos eu tinha que atravessar o Oceano Atlântico pra chegar até o outro canto do balcão? Eu sei que corria o risco de se r mal interpretado. Por que diabos ela tava contendo o choro e eu fui embora incompetente, com duas latinhas de cerveja e o tal buraco de 12 no peito, evocando um Deus que eu quase abandonei? Eu nem conheço essa mulher. Deveria mesmo pensar que é melhor assim. Mais fácil, pelo menos, eu sei que parece ser. Mas não é o que acontece. E eu ainda corro o risco de ser mal interpretado.

Não me lembro bem  
quando cruzei  
as pernas  
pela primeira  
vez.  
/ Talvez os corpos  
aprendam  
com  
os seus extremos:  
É impossível  
(pedindo)  
cerrar os punhos  
cruzando os dedos. /  
Sei que sempre, e  
Antes, já cruzava  
os braços com  
alguma  
habilidade.  
Cruzar.  
O corpo é indeciso  
com seus vários  
defeitos.  
O corpo, e seus  
muitos medos  
(contraíndo-  
se sobre  
-si  
mesmo)  
Este é o momento final  
(apocalipse do corpo)  
a que chegamos,  
em pecado:  
cruzar o amor  
ao corpo  
do ser  
amado.

POMBA-GIRA, OU O DO APOCALIPSE.

O OCEANO QUE NOS SEPARA

*mallarmagens poemas vol.1, nº 7, 2012*

**ADRIANA ZAPPAROLI**

## leonella



conservada no formol do vazio, sob o olhar progâmico de regiões tectônicas que choram... chora onde orquídeas brancas levitam... em águas topázias, os trovões longínquos são a(s)penas os sinais, num piar triste, de uma ave noturna.

os seus monstros, são armadilhas passivas, de *triphyophyllum*, contidas nas formas depressivas das cores, ao redor dum ventre de melancolia em flor, do destino, pois ambíguo é lutar, por ora, falar com a dor advinda do fundo duma víscera encolhida. e sendo ela, qualquer víscera, acoplando o oculto das coisas, entre outras coisas, em outras dimensões. é taranta a dor justa das coxas e das mamas da leoa amarrada por fibras de juta e guita, acompanhando a sua gaita que grita em circunstância...

aonde?

em trilhas estreitas. os pequenos arbustos espreitam (são *geraniuns*) o caminho que traça a corrente d'água do lago manyara, o sorriso da chita deitada na relva, o pêlo dum antílope advindo da África...

/

*é cedo, mas um adendo, para tê-lo: -- seu ser em um pensamento (sendo os seus olhos, tórculos em fogo, no sonho do torso de mais delgada epiderme. o chicote é uma trança em éle de enredo, atado num fruto-falo da textura dum rochedo*

e

*que a firmeza dos atos nunca ultrapasse o limite-lírico, inexistente, entre os tentáculos de pensamentos em mosaicos, dum arco de proteção na devastação e da preservação das reservas interiores... os seus olhos estão impressos no azul dentro do quadrilátero amarelo daquela vela. e você? lembra-se dela?.*

/

nômade e tão sincera. segue, em vila de pescadores concebendo diamantes e pequenas feras. mas na rede um peixe parece confuso e um tanto difuso enquanto, as borboletas descansam sobre os chapiscos dos muros (são motivos para ave e para pesca) deveras, quase sempre uma isca é pega, na hora certa, por uma megera sacudida num corpo, de macaca-leonella, por uma medusa entre a fúria e a esfera, no domínio do vento marinho, no canto prolixo da jubarte

/

e

*com a arte  
do encanto ele,  
aquele, o outro, dizia - dizia,  
quando não.  
está.*

## LARA AMARAL

**Lucidez**

A insanidade vem pássaro  
de olhos furados  
voa entrevado, mas canta  
tão mais bonito

pálpebras recolhem-se  
com medo da noite  
das horas filtradas  
para ataques hediondos

ainda assim, o líquido vaza  
por canais dilatados  
posto ser tão viscoso  
o que do sonho põe-se  
em retirada.

É incontestável  
a fúria que imerge  
em fogo brando  
serena e de olhos vidrados  
da loucura

esta que tem por vícios  
os mais silentes

tanto que não escutas  
a implosão das artérias

nem vês incidir halos  
sobre o corpo submerso  
na banheira de sais e  
lágrimas.

**Blue's Guitar School****Gustavo Bonfá Aulas e Gravação****[facebook.com/BluesGuitarSchool](https://www.facebook.com/BluesGuitarSchool)**

*mallarmagens poemas vol.1, n° 1, 2012*

**PAULA FREITAS**

### **Cenestopatia do lusco-fusco**

Lápis voadoras e o medo violeta a insegurança realçando as grades do cerco Opus Dei como chuva de louros sobre a cabeça das elites tártaros escalam as paredes e namoram com traças chupam mofos tudo é orgia nas ancas verde-bexiga da cortesã

Na escarcha do real estalo dedos até falanges sôfregas e de zinco gritem balbuciem meneiem as unhas peçam indulto e o sono caminhe e a alma só Karma

Geme Anastácio perdido na Rua Augusta ele ortografa e ortografar não paga o arrendamento e os usurários estão everywhere oh holy shit agora então assim que tal Asdrúbal e reflete grafar é jogar golfe com os globos oculares a retina toda perplexa purpúrea dos golpes onde estão onde estão Lezama onde estão as refrações aquosas desse sertão de Seu Paulo onde estão Lezama onde está

A meretriz de voz cavernosa olhos de botão metálico à esquerda e à direita do nariz balbucia oh Anasdrúbal vo-cê tá doi-dão não es-ca-la-fo-be-tiii-za sai dessa seu judeu de Yah yo lo se yo lo se que o usurário é você yo lo se yo lo se

Cáften recolhe cadáver de cliente todo psicótico — bad trip — num mictório de azulejos portugueses celestes azuis desbotados

*mallarmargens poemas vol.1, n° 3, 2012*

**WESLEY PERES**

## SEREIAS ATEIAM NOITE AOS CABELOS DAS ÁGUAS

Sereias, com seus lábios de água, com suas asas de areia, cromam-se cromando de árias as artérias das pedras, implodem as planuras do vento com a delicadeza de uma metáfora chovida do chão sobre os pés de um anjo a se abismar;

sereias são sóis dissolvidos, metástases entre céu e água, voam movidas a guelras, chegam às luas recordando o vento em escamas e, alígeras, águam-se povoando de cortes, símeis aos pássaros, o céu líquido de sal e sem sol escuro solvido nas alturas profundas dos oceanos em que nem som nem sonhos ousam arquitetar;

sereias ateiam noite aos cabelos das águas, são mulheres sem o céu da boca, suas bocas em lugar de céu abismam as nervuras de um homem até que ele caia sobre seu próprio centro, semelhante a uma estrela que desaba sobre si, até que ele homem des-se-faça sobre seu núcleo ausente, tornando-se da mesma matéria ressequida que compõe a chuva-voz laminar das sereias, estejam elas águas aves, estejam elas aladas águas.



*mallarmagens poemas vol. 1, nº 1, 2012*

**ALBERTO LINS CALDAS**

## NÃO HA NADA NO CENTRO

- não ha nada no centro •
- nem cavalos nem palavras •
- não ha •

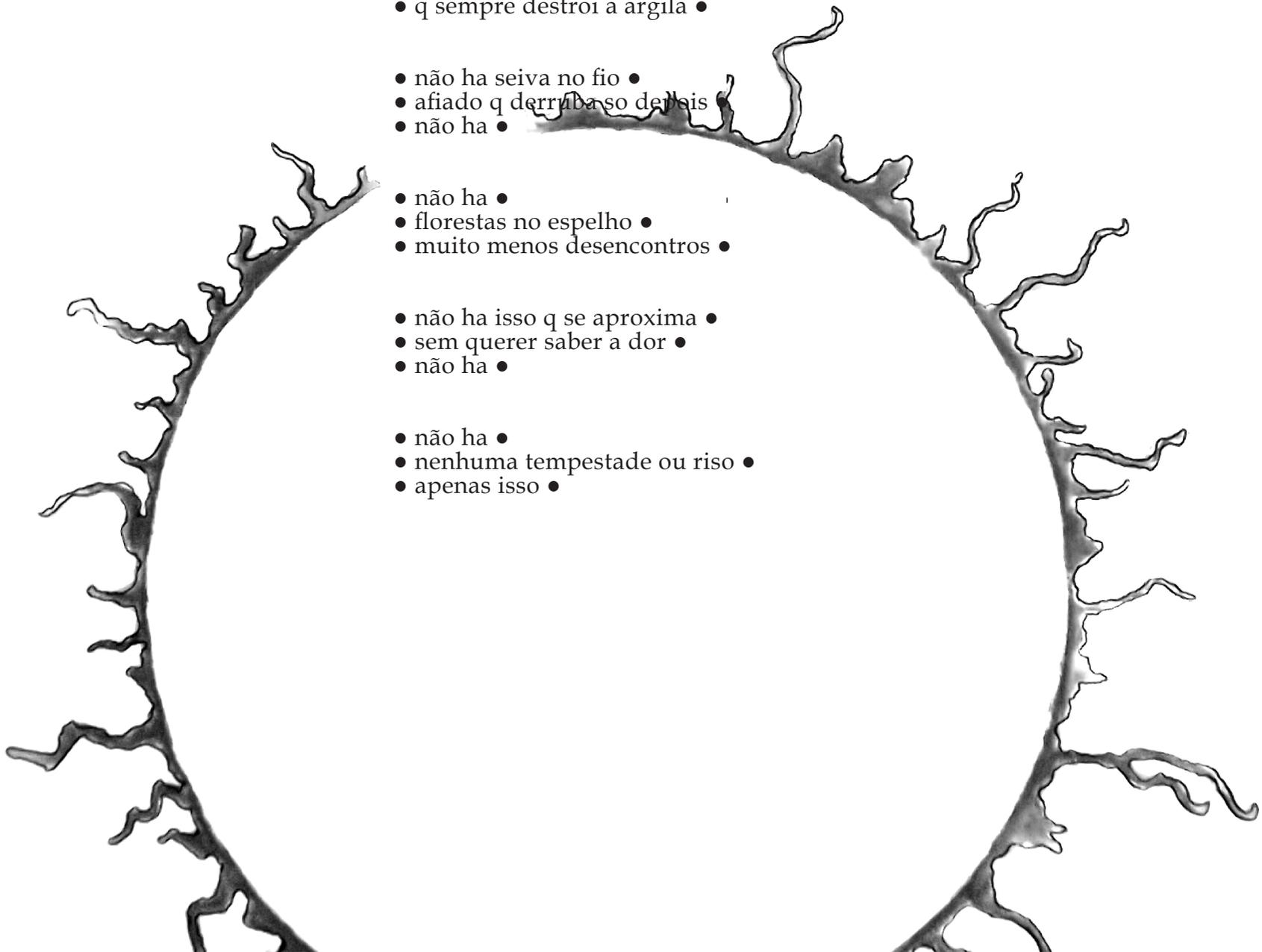
- não ha •
- nem a teia nem a ceramica •
- q sempre destroi a argila •

- não ha seiva no fio •
- afiado q derruba so depois •
- não ha •

- não ha •
- florestas no espelho •
- muito menos desencontros •

- não ha isso q se aproxima •
- sem querer saber a dor •
- não ha •

- não ha •
- nenhuma tempestade ou riso •
- apenas isso •



*mallarmargens prosas vol. 1, nº 2, 2012*

**ALEXANDRE GUARNIERI**

## DA SÉRIE “NO AMOR E NA GUERRA...”: TRATADO DE OTTAWA

o caminho que o leva até ela é um campo de minas antipessoais, um pomar crivado de tubérculos de nitroglicerina, cujas bagas (de fúria pastosa sob as cascas) são invólucros para caroços sólidos que, entre outros discos de aço, achatados, criam raízes no subsolo, debaixo do assoalho (o palco onde ele/ela, absortos, perambularam por anos, como se aguardassem algo).

é inevitável percorrer essa trilha da qual já não há retorno, fazendo do trajeto um passeio intuitivo pelo caminho perigoso: nesse jardim bellissimo e sinistro (espécie de anti-Éden) perde-se peças, algumas removíveis e supérfluas, outras delas, caem do organismo, apesar de indispensáveis (e deveras necessárias) quase pré-requisitos pra se estar vivo.

no primeiro passo em falso, perde algo. o mecanismo é sensível ao peso do andarilho que, mesmo assim avança, desarma o que consegue, um explosivo cravejado de espinhos, no formato de ouriço. vai perdendo peças: a perna, cotovelo, uma costela; um ou outro, juízo.

mas prossegue cauteloso e lento até ela, é um reencontro contido que persevera apenas na medida do possível, mas reverbera em ambos (arroubos daquela antiga paixão irresolvida); ele segue rezando para que a sequência detonada não lhe custe o coração naquela que seria a derradeira explosão, ou cause um dano central, sem retorno, ao seu sistema nervoso.

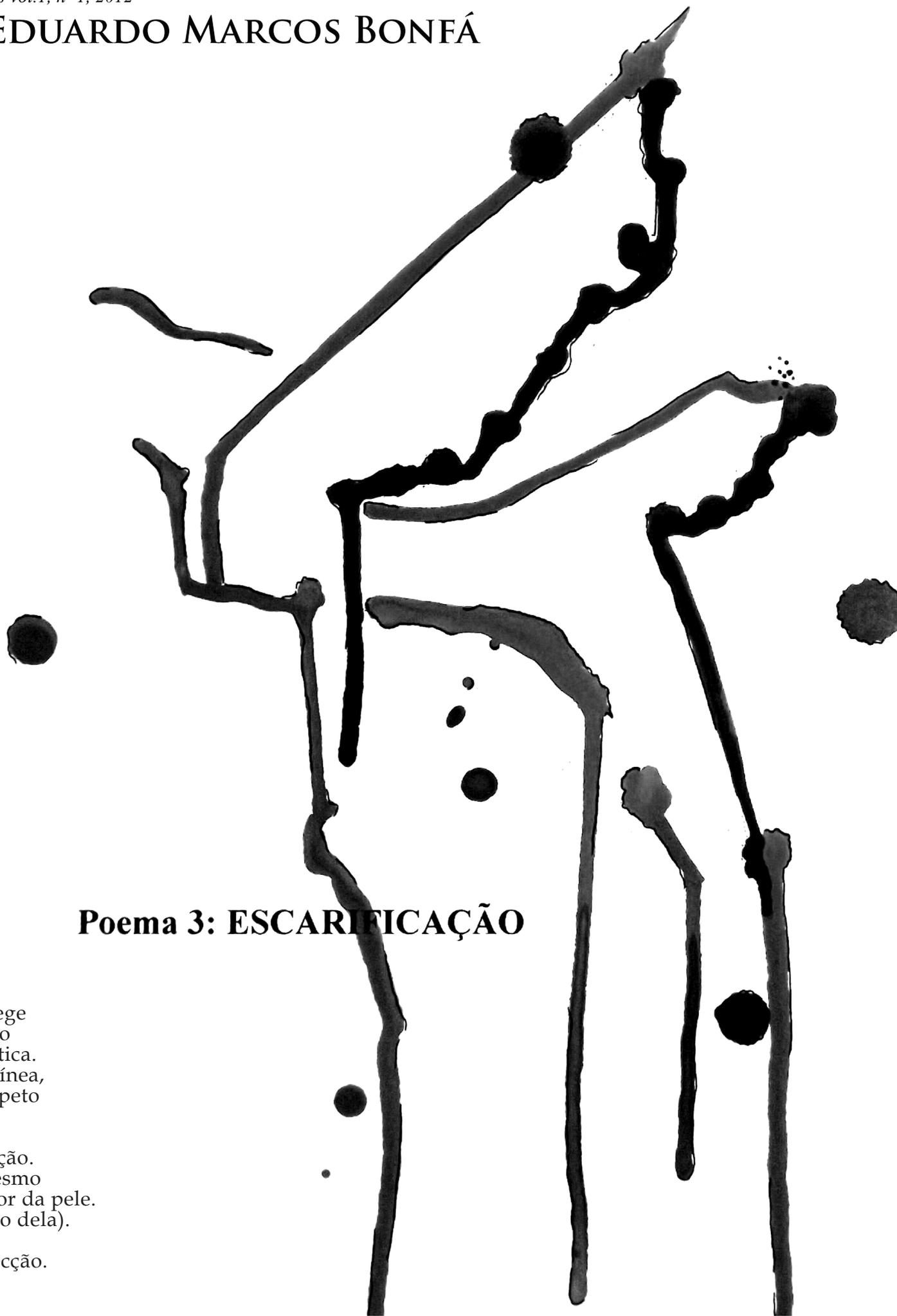
o nervo frio é uma característica clara, requerida desde o treinamento, de todo membro ativo deste esquadrão anti-bombas, é aqui onde o herói destemido cumpre à risca (sob constante risco de vida, e pela erradicação absoluta de todas as minas esquecidas) as diretrizes finalísticas do Tratado de Ottawa.

*mallarmagens poemas vol.1, nº 1, 2012*

## CARLOS EDUARDO MARCOS BONFÁ

### Poema 3: ESCARIFICAÇÃO

Sem pele,  
A carne elege  
O vermelho  
Como estética.  
Ave sangüínea,  
Que no ímpeto  
Do vôo  
Se esforça  
Com irritação.  
(Voar é mesmo  
Desejo à flor da pele.  
Não, abaixo dela).  
O canto  
É uma infecção.



*mallarmargens poemas vol. 1, nº 2, 2012*

**FURIO LONZA**

## PROSA 4 : CORRESPONDÊNCIA

Quando Iolanda era ainda adolescente, se apaixonou por um colega de classe muito tímido. Como ela também era bastante reservada, escreveu o nome do amado numa folha de papel, que botou num envelope e escondeu no sótão de sua casa. Não queria que ninguém soubesse de seus sentimentos, nem mesmo ele.

Trinta anos se passaram naquela velha região de montanhas e muita coisa aconteceu desde então. E Iolanda me contou que, dias atrás, procurando uma casa para alugar, encontrou um sobrado ideal, que foi analisando cômodo por cômodo, até resolver ficar com ele. Na gaveta de uma velha e empoeirada penteadeira, com certeza deixada para trás pelo antigo morador, ela achou um envelope, que abriu e reconheceu a letra instantaneamente. Trinta anos antes, ele tinha feito o mesmo.

Mas amava outra.



*mallarmagens poemas vol. 1, n° 8, 2012*

## LUCIANA MARINHO

### ÁGUAS DE CLARA

*à clara  
in memoriam*

o mar foi criança para clara.  
anêmonas e melros eram rastros da mesma luz,  
do ar tomando clara e respirando-a na lucidez das águas.  
era no vestido dela que as pedras marinhas cirandavam  
como um cintilar de libélulas.  
o mar foi criança para clara  
até o instante em que as águas foram vistas em um mapa.  
então, arrebataram as barbatanas dos pássaros  
arrebataram as asas dos peixes.  
conchas se perderam no íntimo quedar das mãos  
sobre os corais de luzes.

*mallarmagens. poemas. vol. 1, n° 1, 2012*

### NINA

deveríamos  
ajoelhar  
com muita calma  
lembre de um mar manso  
assim faríamos  
ouvir com fúria dedicada  
sua palavra  
como as ondas fazem  
ir sem voltar  
e adorar  
sem que você saiba

LALO ARIAS


 ROSANE CARNEIRO

correr o mar pelos dedos  
 segredo  
 entregue a outra luz desfilo rosário de brincadeiras  
 daquelas guardadas pelo não do tempo  
 espécie de berço  
 imerso gigantesco  
 onde sucumbem as  
 meninas sem paradeiro deste nu  
 avesso  
 as cruas meninas antigas  
 capazes da morte  
 do medo  
 prazer: correr  
 com o brinquedo

*mallarmargens, poemas, vol. 1 nº 1, 2012*

MICHELINY GRUNSCHK

*mallarmargens, poemas, vol. 1, nº 7, 2012*

### Quiron

Ri, Centauro  
 mira  
 tua seta  
 tua língua  
 tua reta  
 contra essa fêmea  
 pantera  
 arfante  
 caça  
 o fe gan te.  
 Acende  
 o teu lume  
 o teu gume  
 a tua lâmpada  
 porque amor é morte  
 amor é guerra  
 amor é noite  
 mas nem sempre  
 treva

## ASSIS DE MELLO

*mallarmagens poemas, vol. 1, n° 2, 2012*

## FÁBULA II

*Para Luís Costa, poeta*

Lagos abissais  
com margens de rutênio

blocos de rocha ácida  
árvores  
torcidas

O andante  
não se deteve na borda das noites  
/ dos dias /  
ou na dobra de qualquer rutilância

: mergulhou  
nas cores do nácar  
& da orca

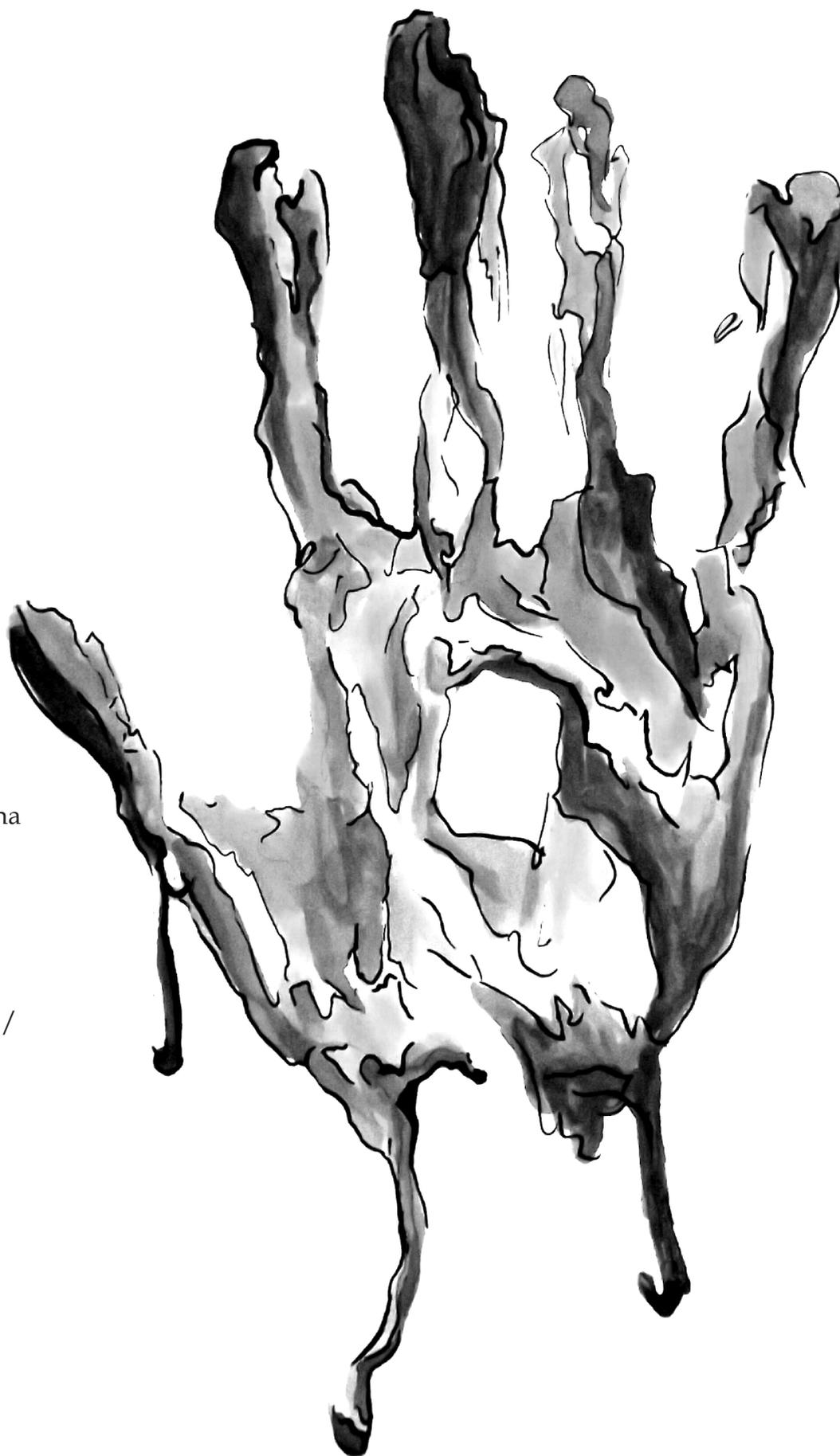
- megalopa  
nos círculos da íris-

mas não achou  
a flor do mal  
na derme da holotúria

então  
seus peixes interiores vieram à tona  
pra libertar anéis de fumo  
no balanço da hora  
azul

Galhos discretos  
com rama escandente  
/ cornetas de *Datura* /

- o universo suspenso numa folha



## ALICE

Desmonta a noite,  
Com suas mãos infantis.  
Recolhe as estrelas,  
E arruma-as em uma caixa  
Forrada de veludo vermelho.

A lua, com certo tremor,  
Pede minha ajuda para colocá-la  
Na moldura do espelho.

Desprende o manto negro  
Presos por alfinetes no espaço,  
Dobra-o e o deposita no fundo  
Da gaveta do dia, repleta de claridade.

Esgarça o algodão e o cola sobre o azul  
Do forro do vestido.  
E, como Alice, grávida de sol,  
Abre as pernas  
Para que o dia amanheça.

MARIEL REIS

*mallarmargens poemas, vol. 1, n.º 10, 2013*

GABRIEL RESENDE SANTOS

*mallarmargens poemas, vol. 1, n.º 1, 2012*

**contorcionismos**

a infelicidade  
/contorcionismo

tese  
procurando  
o minotauro  
em seu labirinto  
porque

estava se sentindo muito só

borges  
procurando  
borges  
em seu labirinto  
porque

estava se sentindo muito só

a criança suicida

enfiando o indicador  
(na tomada)

eu

enfiando o poema  
(no vão)

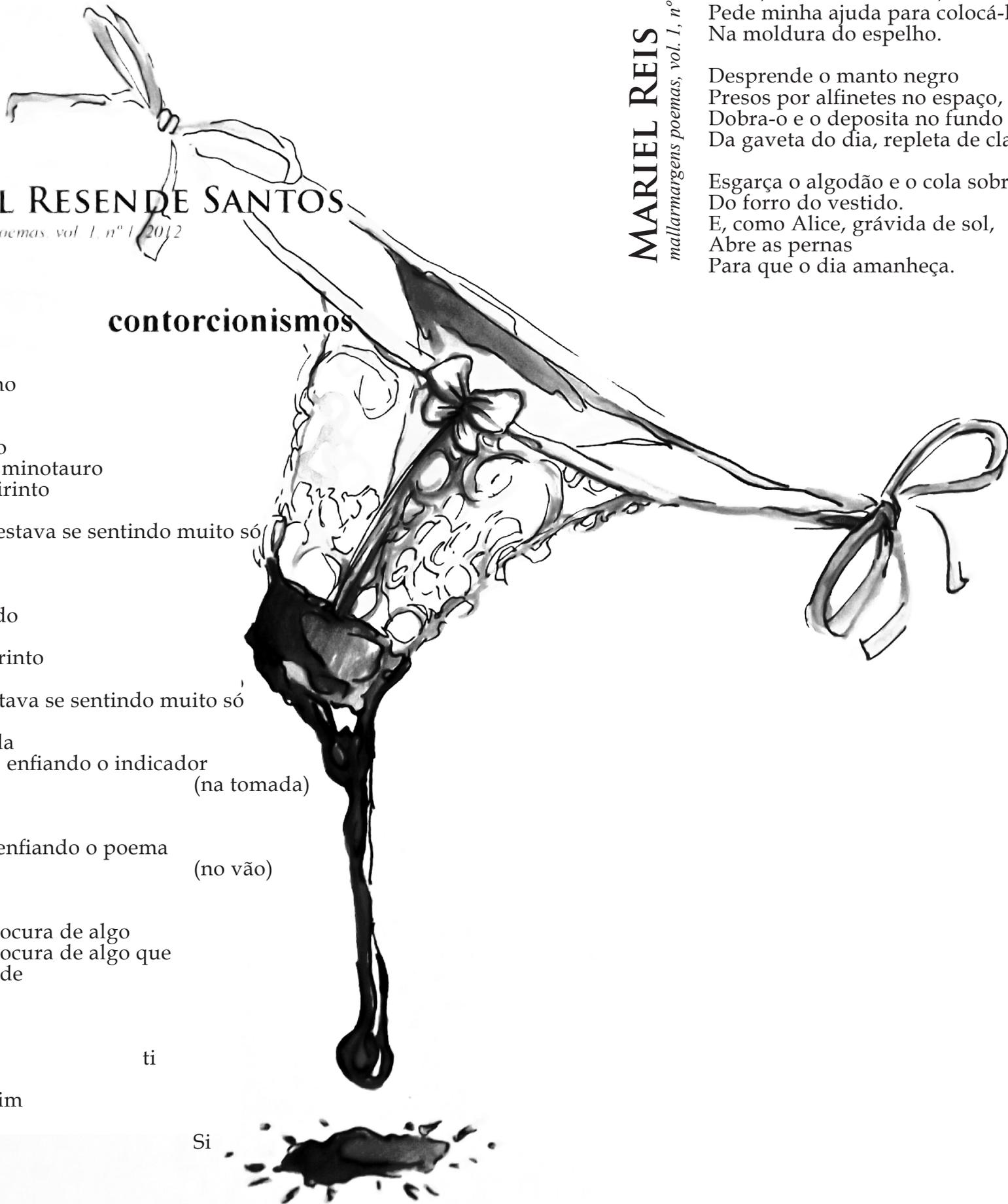
talvez esteja

à procura de algo  
à procura de algo que  
não fuja de

ti

mim

Si



*mallarmagens poemas, vol. 1, nº 12, 2012*

## GRIMORIUM

### MARCELI ANDRESA BECKER

I

abcesso: abismo. vozes em tempo de insubstância azul. a orquídea sobe pela madrugada como um hino de varizes. o horário adoece. salém deflagra o horizonte cármico de seus vestidos. estou entre elas, como você deve supor. as mulheres sabem o nome umas das outras, misteriosamente: mesmo as que nunca se viram na vida. estou entre elas. presto-me ao papel de acústica das fomes do martelo. pernas. bruxas enforcadas. minhas varizes grossas como cordas.

### MARÍTIMOS

*mallarmagens. poemas. vol 1, nº 4, 2012*

I.

Porque és um corpo  
E me afogas.  
Todo um oceano  
Arrastas:  
Redes, vertigens,  
Peixes, voragens.  
Porque o teu anzol  
Lanceira minha fome;  
Tuá isca,  
Meu beijo rasga.

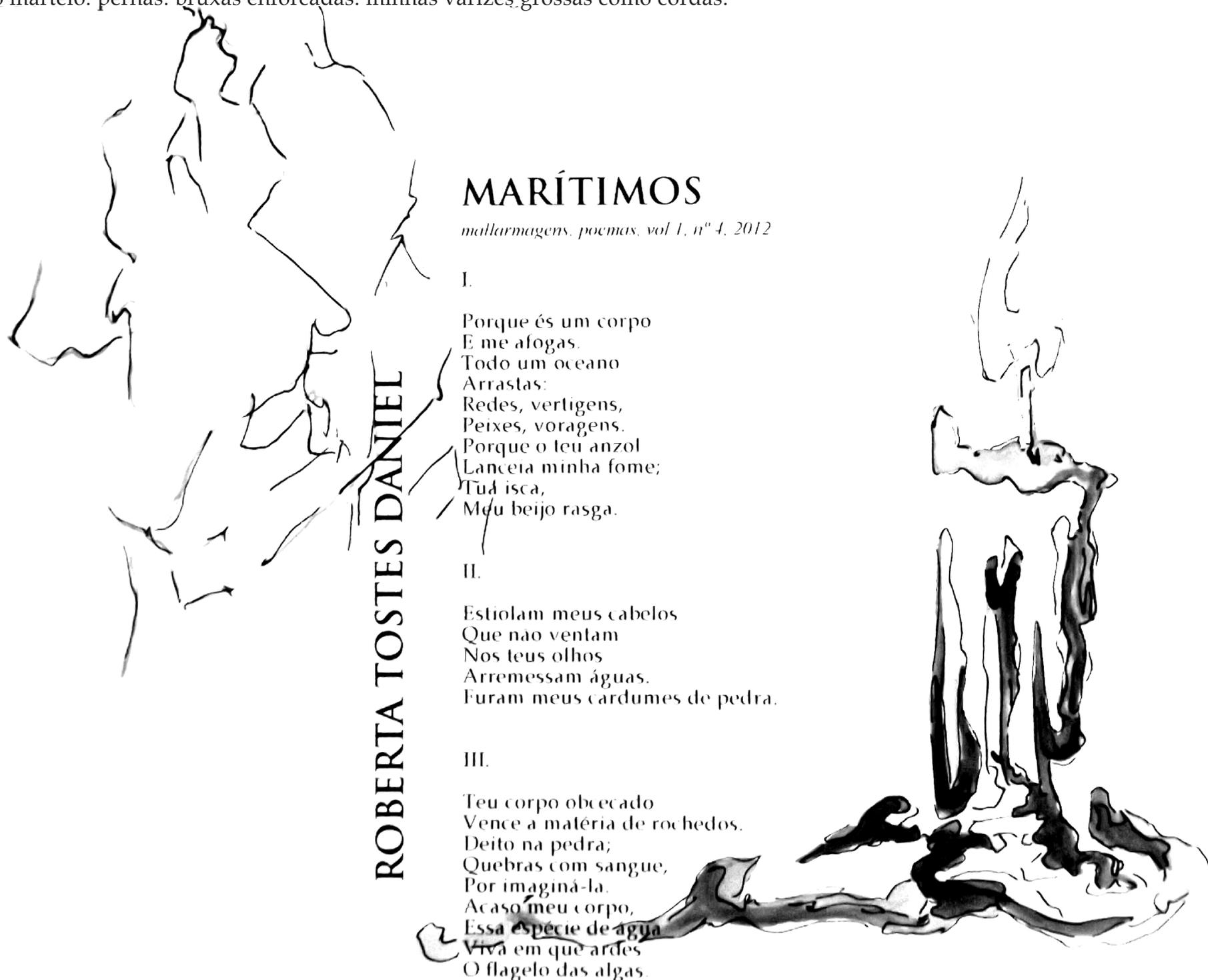
II.

Estiolam meus cabelos  
Que não ventam  
Nos teus olhos  
Arremessam águas.  
Furam meus cardumes de pedra.

III.

Teu corpo obcecado  
Vence a matéria de rochedos.  
Deito na pedra;  
Quebras com sangue,  
Por imaginá-la.  
Acaso meu corpo,  
Essa espécie de água  
Viva em que ardes  
O flagelo das algas.

ROBERTA TOSTES DANIEL



## MURO

s.m.

o que ha dentro do muro nao e assim tao bruto ; um pensamento sobre na argamassa que lhe cobre ; angustia o muro sente, desde antigamente : e cego todo sempre e só sabe apartar gente. há pouco ouviu do chão, com voz de escuridão, que existem as paredes - rjas tal qual ele ; a diferença é que elas têm uma janela, e assim, pela janela, a parede enxerga. janela é uma abertura - nao dói, não sutura ; buraco sem reboco movendo-se no corpo ( se a obra tem janela, parede é o nome dela ) cimento e cal sem furo julgam ser um muro. o muro, truvo e mudo, pensa pensa em tudo : sair daquele escuro e ver a luz do mundo, deixar de ser um muro abrindo em si um furo ainda que esse corte lhe tombe à nula sorte - não sabe como, ainda, mudar a sua quimica (rejeita a vil certeza de não ter vista acesa) deseja em seu chapisco, sim! correr o risco de ter a pele aberta e sentir o que é a janela ; e mesmo sem saber como vai ser outro ser, o muro quer saída, mudar, mover a vida - quer nem que seja a ida da simples dobradiça ; ou algo do porvir que lhe tire deste aqui

THIAGO E

mallarmargens poemas vol 1, nº 3, 2012

extravia

todo mundo estava vendo o sussurro decolando em balé ritual evocativo

o indicador ao redor do bico traçava com a ponta no mamilo as mais distintas dentre as mais tremendas espirais

o trajeto percorrido repetidas vezes na pele amacia a glândula da órbita porosa que trejeita um gesto e acompanha os olhos de cada quadro de cada esgar uns acham graça quando tem risada sem pertencimento

chora o leite derramado sobre o ramo deleitado o rabo levantado rebojava fustigando a pele friccionava a lata gelada no irriga vasos o cheiro das folhas chacoalhando coaxava as maos nas coxas uma foda rápida um piscar de olhos os globos orbitaram ciclos orientais de cilios posticos de uma tribo interpenetrável

a audiência ali paredes sofás livros e as geografias afetivas em escalas richter

eles estão protegidos verde enrubescidos embaixo da membrana derretida um núcleo espetacular cujas tēmporas também abertas permitindo eivando a seiva vibram as veias silvam decassílabas embarafustando na sombra lembrada de luz entrecortada em levante numinoso eles se reduzem ao mais implosivo do implora aplausos

pense na preguiça que daria se a dodecafonía definisse a notação de pelos apenas pelo arrepto a própria pele acaricia então a agressividade e então daria uma bofetada e deixaria em (e/ou) : cena essa carta bomba que se extraviaria na exaltação do remetente essa carta bomba seria um exorcismo de extravia

LÍMERSON MORALES

mallarmargens poemas, vol. 1, nº 9, 2012

Não é ao ar livre de planície ou mar aberto

Que melhor se vê a ideia do infinito

É pela fresta aberta entre a grade da janela

E um rosto que se deixa atravessar por um raio azul de brilho intenso descendo sobre a manha da cidade desértica

Um rosto transfigurado pelo céu: então é assim que o dia atravessa as paredes de um apartamento qualquer

Um topázio rasgando a pele de um rosto translúcido.

O mar é mais rápido que o pensamento -

No piso do apartamento vê-se

O mar.

Ou é o chão da realidade que ondula

Ou ainda a consciência que recua

E uma vontade sem sentido de soltar uma risada

Na cara do universo -

E no meio da loucura escutar a voz de Bárbara

Te dizendo como fazer do silêncio a sua casa:

Se há um templo se constituindo

Nesse momento, para dar espaço à avidez de absoluto

A cidade persiste como a moldura de uma janela

Aberta ao infinito: imagine-se como se amanhece

Um planeta muito próximo do sol.

É explicar ao seu amigo que você escreve

Porque não sabe falar

Nada, nem domina

A sua língua: oceano

Não abriga, nem a cidade

De ruas quadriculadas refugia

Inóspita paranoia, para além

Do azul que refulge nas ranhuras da parede

- Venho de uma família de sírios

Com drogas.

E ainda assim é com ela, a língua portuguesa

Que você vai encontrar

Uma saída - são essas pequenas coisas:

Ser um fantasma, por dentro, à procura de sua voz

Sua cota de infinito, em meio à cegueira programada.

Da poesia, espera-se ser

Abrigo para sua pele de éter exposta a todo tipo de ignotas forças naturais é muito

Remotas e ainda desconhecidas ou sempre desconhecidas

Pela ciência: um itinerário sobre o abismo -

A poesia:

Produzir vácuo

Da consciência, avidez de palavras:

Grade de metal, vidro cortado pela luz

Fantasmas de topázio caminham sobre o mar

Refletem

Prismas de angústia e infinito.

Ranhuras dançam na parede,

Estamos na década de 50, 80, tanto faz

O absoluto invade a vida

O vidro da janela, as frestas da cidade, a voz,

O mar adormecido no piso: é por dentro

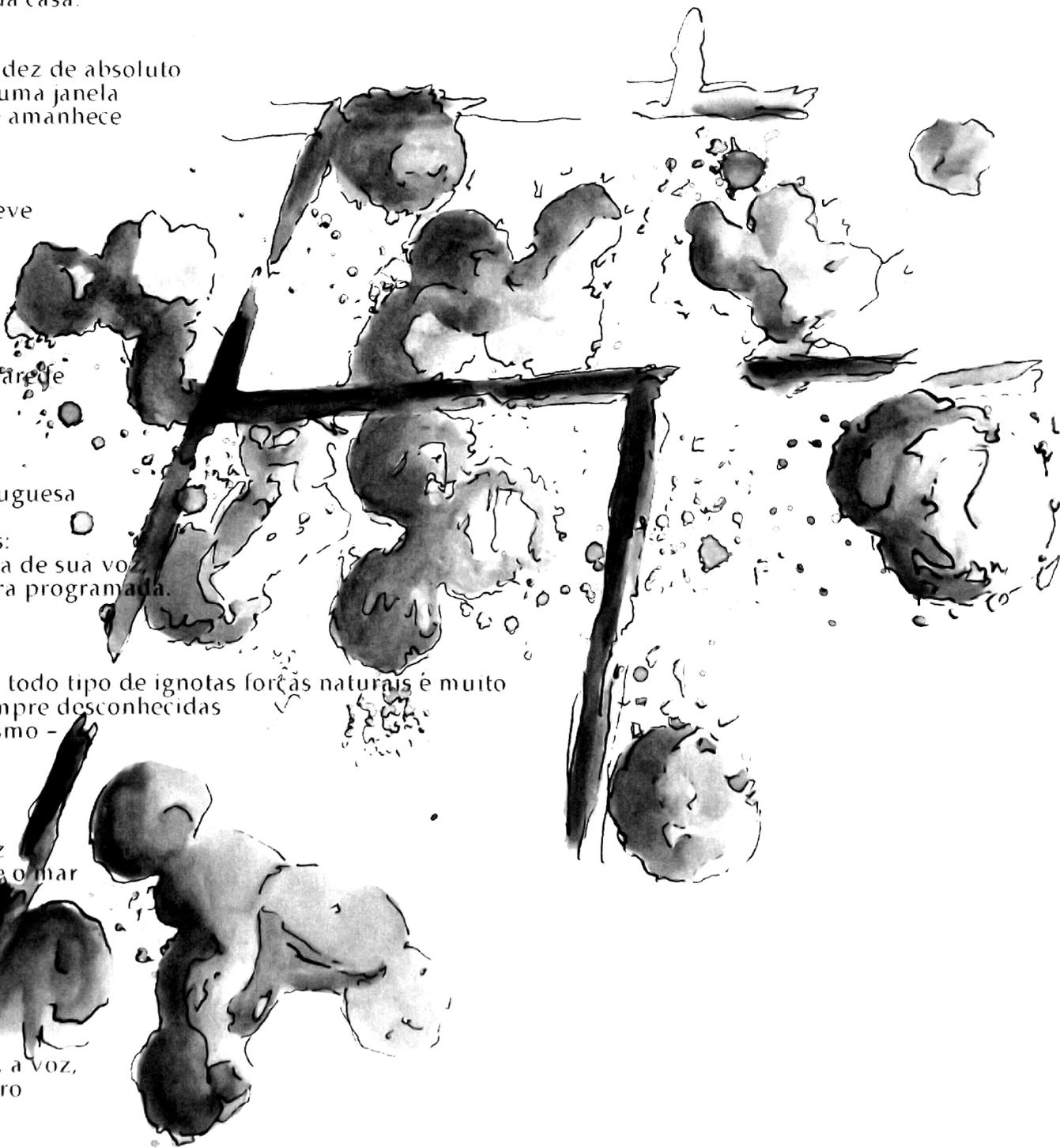
Do sonho que despertamos,

Sedentos de mar e infinito -

Que não se dá a ver, é entrevisto.

DANIEL FARIA

*mallarmagens poemas, vol.1, nº 4, 2013*



## LUCAS ZAPAROLLI

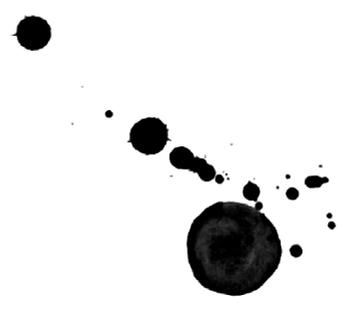
*mallarmargens poemas, vol. 1, n° 7, 2012*

Entre o trem, cá, com homens, autos, sim,  
 à pé, mas gente argêntea, ardente, e fé  
 cadê? nem vi, semáforo azul, fe\_  
 bre na faixa, ar imundo, e aqui tu, Cín\_

tia, em minhas mãos, soprando contra a sín\_  
 drome de homens, são muitos, pagas fé\_  
 rias em minha carteira, no meu fé\_  
 retro teus ossos, mas no ouvido o sín\_

dico ainda, o aluguel? e o anh? nem vi:  
 e o universo aparece numa pí\_  
 lula comprida linda, e traz no cen\_

tro um brinquedo eletrônico que é zen-  
 budista, um Avaloktshvara  
 com luz que canta papara-papara.



## MARCELO DINIZ

*mallarmargens poemas, vol. 1, n° 12, 2013*

# POEMA CONTEMPORÂNEO

1

Fazer o poema  
 contemporâneo,  
 verso de  
 pólvora,

e fazê-lo  
 livre  
 como se não  
 fosse verso, pois

não é  
 este que flagra  
 um perfil  
 quando aceso.

2

Se contem  
 porâneo, que os  
 críticos futuros  
 o contem,

e lhe expli  
 quem o pli in  
 explicável  
 em que se implica,

pois o palito só  
 o é se fagulha  
 súbitos tígres  
 no escuro.

3

O presente é  
 menor que o passado  
 pois o passado é desde  
 e para sempre,

o presente é ainda  
 menor que o futuro  
 que não é ainda  
 único,

o presente cabe  
 na cabeça de  
 um palito  
 útil.

4

Poema nem  
 palito o é a  
 pós o fósforo  
 reduzi-lo a car

vão retorcido,  
 é o que prova  
 a história  
 de qualquer sol

ícito palito  
 finito no escuro:  
 risque-o até ar  
 der nos dedos.

## MARCIA BARBIERI

*mallarmargens prosas, vol. 1, n° 11, 2013*

### XILOGRAVURA

Um gato trafega no fio da navalha. O pelo curto e amarelo duplicado no corte da faca. Não matará... repete um coro ancestral no meu calcanhar de Aquiles. Memória coletiva copiando velhos assassinatos.

Risco o ventre com a ponta da peixeira. Longitudinal. Retalho. Reverso. Umbigo. Meio. Pélvis raspada. Sanguetinta na madeira. Amor de cordel ou tragédia em 3 atos? A boca amoradaçada escapa pelos cantos. Os seios escondem as fraturas do peito. Modernistas, famintos. Antropofágicos nos devoramos. Um cão sem costelas come a si mesmo.

A tibia parte-se em duas enquanto eu esmago a lesma da solidão. Perna amputada. Firmo a prótese e continuo meu caminho. Nu, agora. O pau duro penetrando as madrugadas. Um rastro. Via-Láctea. Restos de esperma no jeans desbotado. A vulva se abre pra mim. Boca de Lobo. Renascimentos nas caudas dos vermes mortos. Os seus olhos parados eram como castanholas sem mãos. Caranguejos roçando pupilas. Não matará... Gaguejo com a boca em lama.

- O amor é um punheteiro num bar sujo - grita um negro coçando os bagos - dá a bunda em troca de uma tragada.

A sarjeta continua vertendo mijos. Asfaltos em vigília.

Afia as unhas nas fronhas. Rasgos e lábios arrombados. Faz vergões nas minhas costas na noite íngreme. Xilogravuras de Goeldi. Os pelos atordoam minha língua. Desvio dos buracos profundos. O gozo - líquido amniótico melando as rugas da cara.

Meus dedos são multiplicados num jogo de espelhos. Borges e sua escuridão inutilizando coisas. Jardins, às vezes, não são bifurcados. Seguro o cabo. Posiciono a faca. Vejo o pulso dobrado na lâmina cega.

Amanheço desparafusando os dias.



## NYDIA BONETTI

*mallarmargens poemas, vol. 1, n° 1, 2012*

### HÁ BEGÔNIAS LÁ FORA

1

espera. há algo a ser dito. os olhos buscam

fragmentos denegados de nada  
no esmeril da pele

2

estreita. rede de fiandeiras. mãos  
que procuram

recifes. tridentes. o mar que trina  
é quase

um pássaro

3

estanque. o fluxo dos papiros. há begônias  
lá fora. recrudescem o olhar

o céu real

é azul

4

reconhece. na tessitura dos pianos. há vozes  
vulcânicas

à espera do vento

5

recua. se te parece longo o ofício. se te curva  
o fardo

pauta. a tua vida pela tua crença

e segue. não há atalhos

6

resiste

## NATHALIA RECH

*mallarmagens poemas, vol. 1, nº 5, 2012*

I

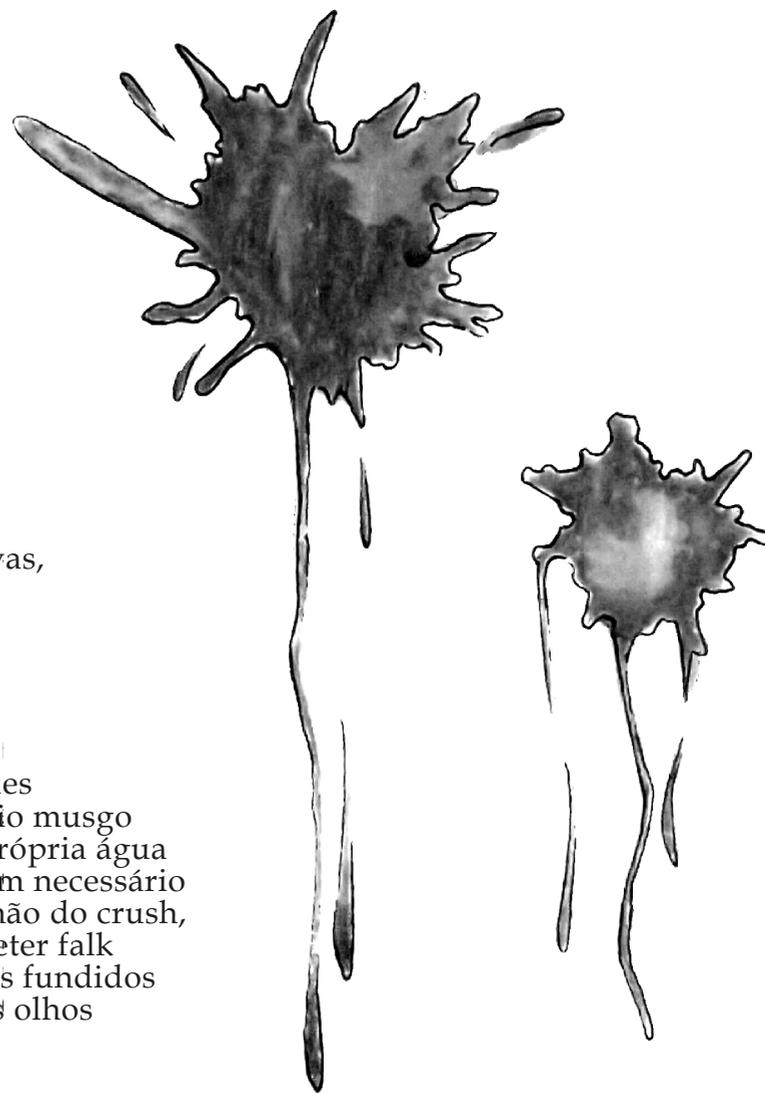
você não viu mas  
 no canto onde a luz desafina  
 ergue a crina e batiza fragmento.  
 o pequeno meteoro matutino  
 a despencar por dez anos consecutivos  
 chama de up  
 já os farelos do amor de sexta  
 a coçar as abas do libido limbo  
 chama de down.  
 às vezes contrata olhos, os prende.  
 ou depende, são os estranhos que roubam  
 sua imagem para: receita de peixe,  
 desenho à nanquim, chafariz que  
 não engenha praça no rosto.  
 onde sua sombra protege  
 o corpo dói.  
 a luz que corta usa  
 para cozinha. fio para  
 sofreguidões, coxinhas.

\*

Explicar as misturas do mesmo  
 Os telefonemas que não nos tocam,  
 Textura de final de semana perdido  
 Por uma memória que tapas os ouvidos,  
 A razão do feriado, canibalismo das flores vulvas,  
 Os mesmos caminhos antigos de se perder  
 O modo terapêutico com os flutuantes  
 Aproveitando riso para instalar binóculo,  
 A distração para implantar um susto tonto  
 Um rasante de momento a secar tentativas,  
 Como dizer que do urso morto que tive tanto,  
 Do céu de penas de sol que salivei minhas tardes  
 E coleí os selos recebidos nos momentos silêncio musgo  
 Tirarei desse corte fresco um afluente da sua própria água  
 Uma explicação para as tias na cerimônia, o som necessário  
 Para estourar os balões no momento do click, não do crush,  
 Quem diria falar em crush, que coincidência peter falk  
 esse rosto já tão amassado de tantos bilhetinhos fundidos  
 rédeas se escabelam no alto, holofotes traem os olhos  
 aquilo lá longe é um assobio condensando  
 mais neve para tua entrada  
 peso do contrato exato de se assinar.

\*

## ODE A PLANCK



tomando suco  
 enquanto deus o faça  
 Palermo assobia a calçada  
 doma a gripe com suas narinas de fuego  
 trêmula o João o Henrique  
 e mais cinco pendurados que no conosco  
 assopro para a porta e fujo dos mambembes  
 "dia de dor é cálculo demais" quinta é  
 xeque e mate uma escalada que tropeça acima  
 congela o cume e aventa um topo farto de frizz

é tudo cabelo milho cobertor que alimenta  
 a barba da espera que puxa grita  
 como a da Marina a da despedida que  
 apelidou Florêncio de adeus

1 (Pequena introdução extremamente necessária)

Alface é verde.  
Este é o primeiro ponto inquestionável  
deste poema.

O segundo ponto inquestionável  
deste poema é que Al Pacino  
como alface é um excelente ator.

Não tenho informações suficientes  
para afirmar que Al Pacino come alface.

O que não tem nenhuma importância  
neste poema.

2

O fato de eu ser vegetariano -  
mesmo Al Pacino sendo um comedor de alfaces -  
não faz de mim um homem mais corajoso.

3

Quando vejo uma  
alface não me  
lembro da esperança.

4

Quando vejo o  
mar quando  
o mar está verde  
me lembro da esperança  
(mas só porque dizem  
que a esperança é verde.  
Não que a ache necessária)

5

Quando vejo o  
mar quando está verde  
nunca me lembro da alface.  
Nunca me lembro  
que sou vegetariano.

6

Quando vejo uma  
alface nunca me lembro  
do mar. Na última  
vez que vi uma alface  
me deu uma sensação  
de afogamento.  
Por nunca me lembrar  
do mar quando vejo uma  
alface  
e por esta vez ter sido  
igualzinha às outras  
não entendi por que  
a sensação de me afogar.

Quando vi o tomate  
vi um salva-vidas  
gordinho.

“Nunca me lembro de Al Pacino  
quando vejo uma alface.  
Nunca penso em uma alface distribuindo  
tiros a torto e a direito  
quando penso em Al Pacino.”

Este comentário está totalmente fora  
de lugar.

7

Nunca me lembro do mar  
quando vejo uma alface  
nunca me lembro da esperança  
quando vejo uma alface  
mas senti uma vontade  
de dar um mergulho  
na alface na última vez  
que vi suas folhas em flor  
desenvolvendo seu  
acabrunhamento vegetal  
em camadas  
não se explica eu achar  
este mergulho importante  
para achar coisas  
importantes  
se nunca pensei na esperança  
quando vejo uma alface.  
Senti vontade de dar  
um mergulho quando vi  
a alface, mas jamais esperei  
encontrar cardumes em cores  
histriônicas, corais maravilhosos,  
os escombros do Titanic, resquícios  
das viagens de Marco Polo,  
ou a dança tentacular de uma  
medusa madalênica.

Jamais esperei que a alface  
fosse um mar só porque verde.

Jamais esperei ver o mar  
se acobrunhar em folhas para  
dentro.

Nem alimentando coelhos.

“Nunca penso em O Poderoso Chefão quando vejo uma alface,  
nem em pactos de sangue.”

Mas o que há com este poema?

8

Quando vejo o mar  
eu vejo uma porção  
de coisas  
que não são nem a alface  
nem a esperança e nem  
a esmeralda que ainda  
não foi citada aqui.  
Essas coisas que vejo  
quando vejo  
o mar são tão grandes  
que não caberiam neste  
poema sobre coisas  
que não vejo (e pouquíssimas  
que vejo).

Eu não vejo esmeraldas  
no mar mas isto não  
impede o mar para anéis  
não inviabiliza o mar  
para pescosos.

Só não vejo esmeralda  
quando vejo o mar.

9

Quando vejo uma alface  
também não vejo  
uma esmeralda.

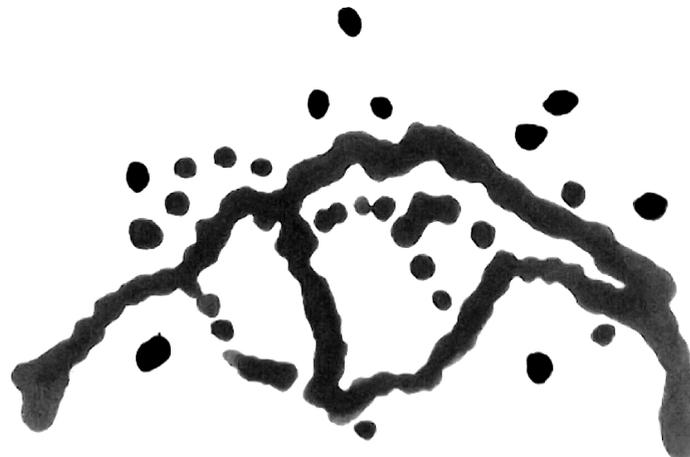
O que não diminui o quilate  
das gotinhas de água  
sobre a verdura.

10

Terceiro ponto inquestionável deste poema:  
Este poema é só uma salada.

Uma salada no meio de um tiroteio.  
That's al-  
1.

**ANTÔNIO LAZZULLI**  
*mallarmargens poemas, vol. 1, nº 1, 2012*



## ROBERTO BOZZETTI

*mallarmagens poemas, vol. 1, nº 8, 2012*

## OS NOMES, OS HOTÉIS

Verlaine  
Caporal  
Belas Artes  
Universo  
centro do Rio  
sol de pleno  
dezembro  
40 graus café  
mijo chorume  
gatos pombos  
o corpo para  
a memória  
incansável pros  
segue até a boca  
da lua e eu vou  
pras quebradas  
becos onde  
aqueles hotéis  
cujos nomes

lembro nomes  
nomes são nomes  
acesos mais que  
letreiros cujos  
imponderável neon  
nomes lançados  
na fuligem  
na venérea  
mas também  
aconchegos  
de mulheres  
melhores sempre  
do que eu como  
as rosas sidéreas  
de Cruz e Sousa  
monjas minas  
jazentes de Minas  
Bahias nascentes  
Europas vivas  
Lapas etílicas  
Belas Artes  
Caporal  
Universo  
Verlaine

II

(da Itália meu filho envia uma canção  
soturna, "Hotel Madrid"  
é em Mendes? intrigado lhe pergunto  
ele confirma - e sorrimos)

## JONATAS ONOFRE

*mallarmagens poemas, vol. 1, nº 1, 2012*

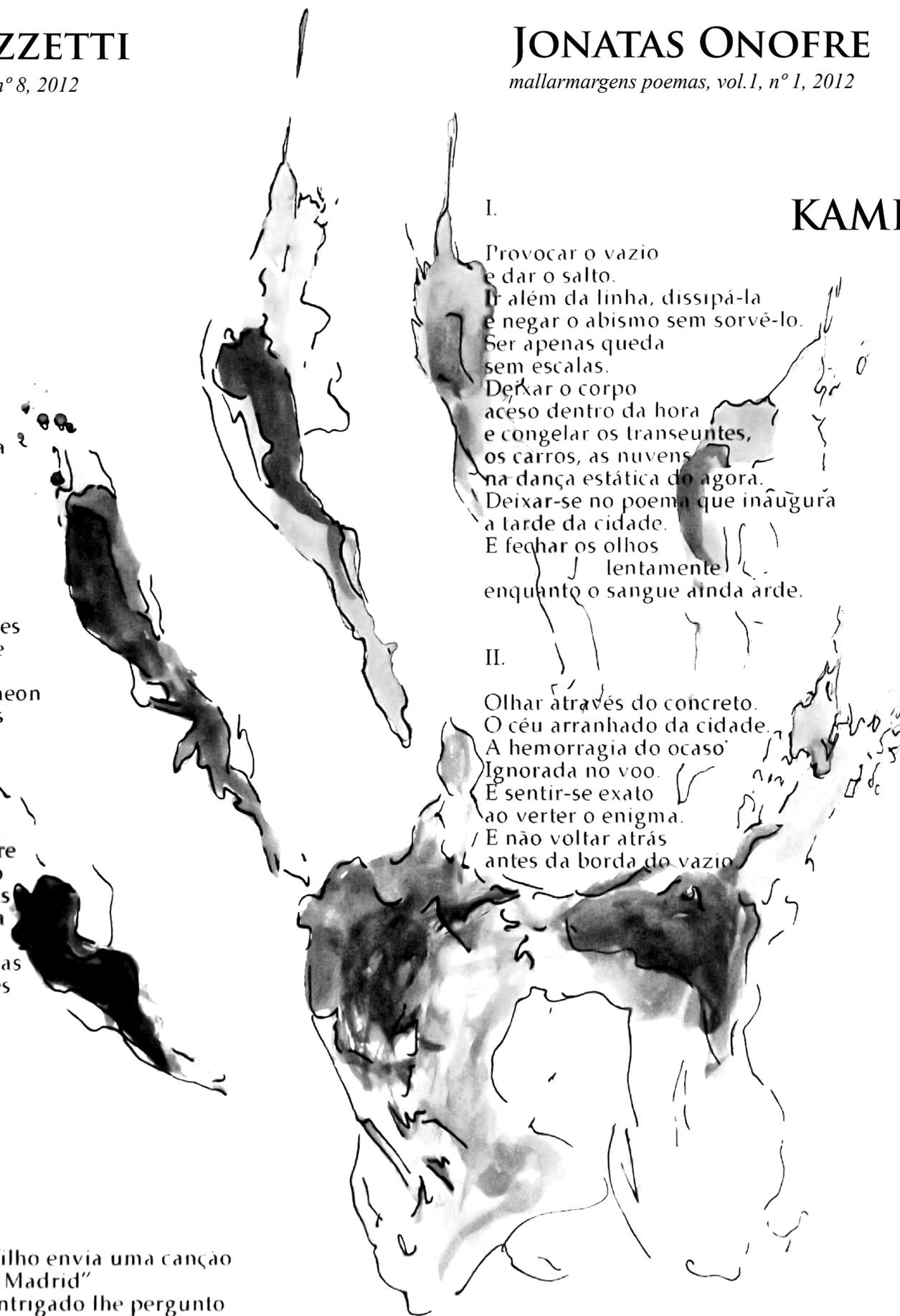
## KAMIKAZE

I.

Provocar o vazio  
e dar o salto.  
Ir além da linha, dissipá-la  
e negar o abismo sem sorvê-lo.  
Ser apenas queda  
sem escalas.  
Deixar o corpo  
aceso dentro da hora  
e congelar os transeuntes,  
os carros, as nuvens  
na dança estática do agora.  
Deixar-se no poema que inaugura  
a tarde da cidade.  
E fechar os olhos  
lentamente  
enquanto o sangue ainda arde.

II.

Olhar através do concreto.  
O céu arranhado da cidade.  
A hemorragia do ocaso  
Ignorada no voo.  
É sentir-se exato  
ao verter o enigma.  
E não voltar atrás  
antes da borda do vazio



## Objeto encostado na parede

Guarda-chuva fincado na virilidade do temporal  
sucumbe sendo ínfima urna de cor  
(última estrela escurecida):  
rebanho de respingos tropel de agulhas molhadas na fagulha da loucura  
o arcanjo violado se revolta

Esta arca (baú de peças persas e variáveis rasantes na órbita do guarda-chuva aberto) está trancada  
entanto sua nudez externa de janela infere além da acidez que se interna – turva e macia carne  
branca só ao olfato lapidar do zaori se despetala carnivoramente se desensombra num haraquiri  
sensorial

o objeto na escuridão do desuso fisga (tesoura após cortar fita rubra e inaugurar um palacete onde  
agora a vida é uma truta fora d'água e pulsa) trafegável em seu misterioso piche de estrada pelo  
olhar e adiante onde se atropela um alce são compostos bonecos moldes para barro série de notas  
para violão – está aqui a coisa estanque

estupro e revolta



**VIKTOR SCHULDTT**

*mallarmagens poemas, vol.1, n° 3, 2012*

## uma letra final e ofegante

I. depois de Zwingli, uma sorte de *swinger*  
 realeza ou rasgados  
 agarra lealdade fendas  
 numa sequência de zonas  
 de nádir a zênite  
 pousando entre Zeus e Zen  
 além do alcance de *raves* zodiacas  
 câmeras *zoom in* e *out*  
 assomam zeppelins de Zurique a Zambezi  
 ondas d'águas e pistas aéreas  
 silenciosa música esfinge depois de Zywny  
 de zero a zê, de zigoto a morto

II. z: *resquiescat in pace*  
 zwinger, uma versão de fortes, castelos, proteção  
 de zéfires de pura maravilha e dúvida,  
 soprando peças zarras cronometradas ao longo dos séculos,  
 os cinco a receber, saberes tantos seres,  
 – Zoroaster Dio Zulu Deus  
 Zumbi gracejador *zeitgeist* jazz –  
 vento de *kazoo* e respiração zigue-zague  
 sobre espirais de chaves metais e barras,  
 xilofone: uma zebra de sons a sentir  
 significados alternativos, zíper visual  
 de tons – feitos de zinco, zircônia, tinta? –  
 provocados por zeugmas, zimbrais, e cheiros,  
 ferramentas de percepção recibo recepção conceito,  
 zapes em zingiberáceas velho-mundo curtidas em zinfandel  
 e replantadas numa langue novo-mundo diferente  
 (zaragoza zarzuela zócalo zapote . . . Zapata),  
 em instrumentos, magazines, livros livres, porto de LED,  
 de milênios de volta a agora, descoberta adrede,  
 e a besta de todos os sentidos superados,  
 tão prazerosa onde jaz, descansando em paz  
 a final letter and gasp.

CHARLES A. PERRONE

*mallarmargens* poemas, vol.1, nº 11, 2012



## Monja

Era proibido. Em cálices herméticos, sobre os mármore tumulares de uma dinastia banida, ela sorveu secreta e lascivamente licores infaustos. Súbito seu espírito, seta envenenada, desceu à cripta encantada dos êxtases enfermiços. Com olhos pávidos testemunhou o pecado, qual tumor transfigurado, reluzindo no vazio opulento das aras. Com mãos impotentes tocou as florações da gangrena no tronco dos sacramentos. Viu o pavão tenebroso, ave perpétua, num rasante maligno sobre a procissão dos sacerdotes, e como tudo explodiu em eflúvios aurinegros e resinas pestilenciais: o Mal e seu orgulho em luxuosas volutas de fumo e putrefação. E o bojo do domo infestado de miasmas! os vitrais traspassados por fantasmas! a nave povoada de cânticos ctônicos e assombrações! Ouviu o tom dos fermentos santos sangrando os lábios ofertantes, o azeite da extrema-unção sulcando as carnes consagradas. Contou na linhagem cruenta dos mártires as cabeças canonizadas sumindo-se no mar Vermelho. Beijou o rosto regélido de madonas genuflexas, que desmoronavam ante o perdão dos confessores. Durante o lava-pés dos prelados, uma legião de girinos saltava obscenamente das pias batismais. Os anéis bispais eram aranhas preciosas que fugiam dos dedos para violar o peito incontinente dos dignitários. Os corpos incorruptos derretiam como vis bonecas de cera sob a Estrela da Manhã. Na visão final de um gigantesco hostiário imundo, ela reconheceu o símbolo monstruoso do mundo. Era proibido.

**CARLOS SILVA**

*mallarmargens poemas, vol. 1, n° 10, 2012*



### la nature ne peut conseiller que le crime

por trás de tua sombra vinha a tarde (cor de vinho) dos batons :: por trás de tua sombra vinha o sol das maquiagens

por trás dela a plumagem dos pavões brancos de vênus :: os esmaltes aberrantes das histórias de alcateia

por trás de tua sombra as borboletas violadas :: e a licantropia do verão vinha por trás de tua sombra

por trás dela existia um arsenal de arsênico & de rouges :: e um cutelo (com ternura) fatiava óperas & alho

por trás de tua sombra estava o kitsch rs  
:: estavam todos os cosméticos da flora dos cadáveres

por trás dela (& do sol) vinham vinte meses de guerra :: sem trégua :: por trás de tua sombra vêm savanas

**RUBENS ZÁRATE**

*mallarmargens poemas, vol.1, n° 5, 2012*

## A Prega Letra

E como palmilhasse a volta ao lar, as palavras, engarrafadas, distorcem as contorcionistas. Multiplicação do vinho, transmutação dos sentidos — o sexto, sempre primeiro. Houve período de purificação do alfabeto; antes, a exemplo dos e-mails, tudo barroco demais. O mínimo entendimento, menor sobrevivente. E me vi obrigado a agradecer à mínima claridade, num jejum de aprendiz de recados, vivo ou morro. Mas, o didático: embora imprescindível, mentira que não se retira do homem, o venta-línguas. Me tirou de cativante sequestro: o quem da poesia; simplicidade sua, da clara lâmina cuja cegueira recorta o deserto em que nos encontramos. E as palavras, geniosas, retornam ao circo, fora do exército, ao prazer do exercício, agora, sem semostrismo — só o barato. Poder ser, se recriar no crioulo dos lábios, a refazer o percurso dos rios, até os torpedos se ouvirem, entorpecidos. Conversas não aceitam professores, mas a beleza difícil da amizade. Período nosso, tataraneto dos fragmentos, pura twitteratura das simplificações. E a pedregosa, com pétalas espetaculares? O que importa: de seiva, porém, implositiva, para os ares, amigo do fogo. Macarrônico, se religado pelo sangue. Barroco de mentira, de pegar mal, aos poucos, enquanto o ingênuo sai da garrafa para o mar.

**PAULO SPOSATI ORTIZ**

*mallarmargens poemas, vol.1, nº 8, 2012*



## VERMELHO-VELVET-VAZIO

náufrago dos bares ancore num triângulo sem sono, órfão da noite salto mortal de penhascos sem suspense, sem redes, sem sonhos, apenas teias do destino, as bruxas de Macbeth, as três irmãs em sacro silêncio, barbitúricos bombons envenenados, baratas, Barbarellas, cacos de vidro e carnavais canções de BELIZ. sensações em vermelho-velvet-vazio me perseguem all night long, nas encruzilhadas cartas de Lovecraft, nas guitarras faces do vício, nos discos de Jazz, pantanosos club's do centro, tudo aqui é baixa luz, um pequeno & puto Peter-punk, suspirando em silêncio entre as Sibilas e sumindo nos corredores de um labirinto psiquiátrico.

## GUILHERME JUNQUEIRA

*mallarmargens poemas, vol. 2, nº 1, 2013*

## PALMILHAR O ANTES INABITÁVEL

*p/ Israel*

*por entre as fendas grisalhas se evola o ávido abismo das fundições e é como se teu rosto fosse apenas uma corda suspensa atrás daquela árvore afunilada se alçando vitoriosamente a cada faísca evocada tal a invisibilidade dessas clausuras inocentes que tanto se esvaziam na duração assimétrica dos instantes silenciados pois como outrora alguém já me dissera ser possível o escarro portentoso das gredosas máscaras ainda que não saibamos o que é estar acima das aparências fugidias todo escorpião se alegra debaixo dos sarcásticos assentos enquanto mal caminhamos neste recinto de inimizades pois é como se houvesse a incisiva crepitação de escarcéus que espicaça os olhos enleados em gestos escrofulosos ou como se uma sábia correnteza de aves descosidas tornasse impalpável o interlúdio das lareiras desventradas ou mesmo como se em sua bárbara senilidade a flor do meio-dia pudesse se recolher num fundo esvaído de lenha intocável quando uma mulher de eloquente lubricidade se espairose com suas lágrimas de ouro adormecido e a lâmpada eletrocutada se desarma em auréolas de imundícies assim como se nossas excrescências pudessem se desvanecer no interior das quadraturas tal a instabilidade de cada fachada que se renova no sopro das hastes impolutas ao mesmo tempo que sobre a espátula desalinhada um cortejo insaciável de sílabas vai desentortando a mais ordinária das lentidões indesejáveis e um exército inebriado de cinzas desliza para dentro de certas grades confiscadas tal como se na espessura camuflada de granito um oceano de soldados quisesse nos espantar como archotes despidos diante da inércia insonora de cores tão castanhas sendo que nada poderia aplacar o incessante estiramento das pupilas quando até aquelas fistulas seccionadas podem se disseminar em memórias de um ilimitado amor sem que isso possa significar submissão ou paixão deletéria quando se aninham os bramidos legítimos nos purgatórios inconfessáveis onde tantas vezes eu mal conseguia insuflar estas páginas refugiadas sob a fissura despudorada das franjas de tal modo a conservar o grito da constelação implacável em meio àquelas profanações que tanto se alongam ao largo das úmidas caveiras pois que não sucedia outra exaustão além do fuliginoso estreitamento se apoderando das virilhas esturricadas quando no perpétuo arcabouço das antigas chaminés aterradas não se via nenhuma paisagem a não ser este álamo estratificado que se avilta perante uma centena de raios expirados no dorso de uma massa incurável*



**CHIU YI CHIH**

*mallarmargens poemas, vol.1, nº 12, 2013*

## CERIMÔNIA DO CHÁ

Em uma dessas vitrines, dubiamente iluminadas pela hora mágica, pode ser visto o tatame. O braseiro rivaliza o pôr do sol. Fumega o incenso, fumega sem fim. A caligrafia da chuva já foi removida. Rente à parede, nasce o ikebana da nova estação.

Podem-se ver convidados, três ou quatro. E o gestual do anfitrião – lá fora evoluem sacis, arrepio no crânio das cerejeiras. O vaso, a cumbuca, utensílios de nome poético foram retirados do recinto, de entrada tão pequena que os samurais aí se agacham – largam-se espadas do lado de fora.

O chá lembra o vulcão adormecido: por um tremor derrama o perigo, e queima, e dói, não é? Há também a estampa dos quimonos, cuja flor é tão perfeita que a natureza não soube imitar.

**ROSANA PICCOLO**

*mallarmargens poemas, vol.1, nº 8, 2012*



## LEBEN UND JUGENDZEIT

Olhos redondos seguem o mar.

O céu partiu-se em dois, quando anjo de melancolia  
e vulto de homem enegrecido surgiram  
em minuto de silêncio reverberante.

A voz branca da filha ressoou pela ferrugem dos trilhos; faces rosadas  
tocadas pelo vento primaveril; e éramos filhos do inverno.

Dias plenos de jogos felizes vieram à tona,  
memórias de quando o infinito parecia quente.

O céu era louro como ela.

**JULIANO BITTENCOURT**

*mallarmargens poemas, vol.1, nº 5, 2012*

NUNO RAU

*mallarmagens poemas, vol. 1, nº 1, 2012*

## RETORNO AO INFERNO INTERMINÁVEL

você desce ao inferno  
de escada rolante e ele está cheio  
de meninas louras com suas línguas  
estranhas, elas  
têm bocas que você gostaria  
de desejar com qualquer tipo  
de sinceridade,  
com a pureza que o desejo  
esqueceu ao lado do cinzeiro  
no motel de quinta da rodovia  
quando saiu batido, você erra  
pelos corredores do inferno e descobre  
mais escadas, mais corredores e não sabe  
se são vitrines ou quartos escuros  
estas cavernas em que as meninas  
exibem sua penugem de água  
oxigenada e seus sorrisos  
de propaganda enquanto você  
se sente a sombra deambulando  
na galeria de luzes  
feéricas, artificiais e o real segue cifrado  
em bits no sistema servidor  
central, ligado  
por cabos ao caixa, você  
não tem nenhum trabalho pra descer  
ao inferno, ele se abriu  
como um útero quente, como um buraco  
molhado e pulsando por onde  
seu corpo escorrega, você  
está fodido, e ela não tinha  
um girassol nas mãos, o girassol  
estava escrito no ventre com pétalas  
excessivamente amarelas enquanto no ombro  
uma petúnia ameaçava  
com um perfume doentio o resto  
da sua vida e o mundo  
girava perdido como um grafitti no meio  
daquelas omoplatas.

